

A requalificação arquitetónica

A intervenção no Teatro Thália assentou na manutenção das estruturas e espaços existentes - Foyer, Plateia e Cena – equipados das infraestruturas necessárias à criação de uma área cultural.

A configuração apoia-se na construção de um só piso que inclui portaria, instalações sanitárias públicas, arrumos e zonas técnicas na frente virada para o arruamento e ainda uma cafetaria e zonas de apoio, com ligação direta ao jardim.

O corpo novo foi concebido como um pavilhão com uma cobertura uniforme que abriga três volumes onde o espaço se encontra compartimentado. A transparência da sua pele exterior, integralmente em vidro e perfis metálicos, bem como o tratamento unitário dos volumes e dos pavimentos, serve de enquadramento à construção primitiva e permite estabelecer relações entre dentro e fora, transparências e reflexos, peso e leveza, cidade e parque. Todos os espaços interiores são tratados de forma unitária, com as paredes e pavimentos em betão colorido terracota e tetos falsos em chapa metálica a permitir a distribuição e o acesso às infraestruturas até aos espaços.

Responsáveis pelo projeto: GONÇALO BYRNE, PATRÍCIA BARBAS e DIOGO LOPES

Estrada das Laranjeiras, nº 205; 1649-018 Lisboa

Telf. (351) 21.723.10.00

Metro: Jardim Zoológico; Autocarro: 726

O restauro



Teatro Thália 1820 - 2012



A história

Junto ao Palácio das Laranjeiras, ergue-se o Teatro Thália edificado por ordem de Joaquim Pedro Quintela, 1.º Barão de Quintela, em 1820. O nome Thália está associado ao das musas gregas da comédia e da poesia. Em 1842 foi reedificado pela mão do arquiteto Fortunato Lodi, autor do Teatro Nacional D. Maria II, contando com uma grande inovação na capital lisboeta: a iluminação a gás. A 26 de Fevereiro de 1843 foi inaugurado com uma festa em honra de D. Maria II.

Entre 1834 e 1853 apresentaram-se aqui cerca de 18 óperas, para além da estreia de “Frei Luís de Sousa” de Almeida Garrett. Numa altura em que o Conde de Farrobo foi empresário do Teatro de S. Carlos, vários nomes passaram por aqui, como é o caso dos maestros Jordani, António de Coppola e Ângelo Frondoni, autor do famoso hino da “Maria da Fonte”. A vida social e artística do palácio foi interrompida aquando da morte de D. Maria II, sua frequentadora assídua. Em 1856 o Teatro ainda foi reaberto para a estreia de algumas óperas italianas e comédias portuguesas e francesas.

Em 1862 o Teatro foi totalmente devastado por um incêndio e já não foi reconstruído, uma vez que a fortuna do Conde de Farrobo, em decadência, não o permitia.

Em 1974, o Palácio das Laranjeiras é declarado Imóvel de Interesse Público pelo decreto n.º 735/74, D.G., 1ª série, n.º 297 de 21 de Dezembro. Os restauros levados a cabo desde então incidiram quase exclusivamente no palácio e nos jardins.

Em 1978 procedeu-se à demolição da cobertura do Teatro Thalia e dos anexos, o que degradou ainda mais o espaço. Em 2010 procederam-se às obras de restauro e requalificação do edifício.

O interior

O interior comportava 560 espetadores, com luxuosos camarins e um salão de baile revestido a espelhos de Veneza, com inúmeros lustres.

“As ricas inumeráveis luzes de gás que iluminavam esses salões, as ricas toilettes e as magníficas pedrarias de que elas faziam valer todo o brilho; os uniformes, as insígnias das ordens e os trajes da corte, de que os mais eminentes personagens, tanto portugueses como estrangeiros, se tinham revestido; os espelhos gigantescos nas molduras douradas, que enchiam os muros multiplicando os objectos; os florões do tecto, tão delicadamente desenhados e de uma douradura admirável, de onde pendiam três soberbos lustres; os ornamentos, os vasos de flores e a galeria circular, que, pela altura da sua cornija, parecia coroar todas estas maravilhas; essa reunião de objectos sedutores dava lugar às mais deliciosas sensações, e admirava-se, ao mesmo tempo, que esse palácio de Armida estivesse cheio de gosos mais reais e mais palpáveis.”

Pinto de Carvalho, Lisboa d’ outros tempos, volume XIV, As festas do Farrobo



O exterior

A fachada principal tem um peristilo sustentado por quatro colunas de mármore branco, prolongando-se em quatro pedestais sobre os quais se encontram esfinges.

O frontão é triangular, de tímpano liso, com uma escultura de Érato, a musa da poesia lírica, que segura a lira na mão esquerda.

Sob o tímpano ostenta a frase latina “HIC MORES HOMINUM CASTIGANTUR” (“Aqui serão castigados os costumes dos homens”).

